

LITERATURA SURDA NA/DA AMAZÔNIA: A FLORESTA COMO ESPAÇO DE VIVÊNCIA DA DIFERENÇA

*Deaf literature in/of the Amazon: The forest as a space for experiencing
difference*

Larissa Gotti PISSINATTI

Universidade Federal de Rondônia

larissa.pissinatti@unir.br

<https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>

Sonia Maria Gomes SAMPAIO

Universidade Federal de Rondônia

soniagomesampaio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4466-4397>

RESUMO: A literatura surda se constitui de produções culturais que apresentam vivências e experiências dos surdos (KARNOPP, 2006; MOURÃO, 2011). Nessa literatura, percebe-se a perspectiva positiva dos surdos, representada em suas especificidades e diferenças linguístico-culturais, possibilitando, assim, novas formas de representação. Este estudo se propôs investigar produções literárias do povo surdo na região amazônica, identificando aspectos descolonizadores e marcações que caracterizam a literatura amazônica. Como objeto de análise, foram consideradas duas narrativas presentes na obra *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, organizada por Taísa Aparecida Carvalho Sales (2016), utilizando-se a abordagem crítica pós-colonial e estudos sobre literatura amazônica. Os resultados apontam que a literatura surda produzida na região amazônica apresenta a floresta e o rio como parte do espaço literário. A visualidade, característica da literatura amazônica, se aproxima do artefato cultural do povo surdo: experiências visuais. A diferença é incorporada pelas personagens, evidenciando um contradiscurso, descolonizando práticas preconceituosas e excludentes em relação ao surdo. **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura surda; Literatura amazônica; Pós-colonialismo.

ABSTRACT: Deaf literature is made up of cultural productions presenting deaf people's livingness and experiences (KARNOPP, 2006; MOURÃO, 2011). In this literature, one can see the deaf people's posi-



tive perspective, represented in their specificities and linguistic-cultural differences, thus enabling new forms of representation. This study aimed to investigate literary productions of deaf people in the Amazon region, identifying decolonising aspects and markings that characterise Amazonian literature. As an object of analysis, there were considered two narratives present in the work *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, organized by Taísa Aparecida Carvalho Sales (2016), using the postcolonial critical approach and studies on Amazonian literature. The results point out that the deaf literature produced in the Amazon region presents the forest and the river as part of the literary space. The visuality, characteristic of Amazonian literature, approaches the cultural artifact of the deaf people: visual experiences. The difference is incorporated by the characters, evidencing a contradiscourse, decolonizing prejudiced and excluding practices in relation to the deaf people. **KEYWORDS:** Deaf literature; Amazonian literature; Post-colonialism.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, temos por objetivo analisar narrativas que fazem parte do *corpus* da literatura surda produzida na região amazônica. A análise proposta se embasa na abordagem crítica dos estudos pós-coloniais e da literatura amazônica, identificando aspectos descolonizadores e marcações da literatura amazônica. Para tanto, como objeto de estudo, consideramos dois textos presentes na obra intitulada *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, organizada por Taísa Aparecida Carvalho Sales (2016), a saber: *Vitória Régia*, de Suelen Maquiné Rodrigues (2016) e *Kauane, uma guerreira surda*, de Lilian Araújo Cerqueira (2016).

Segundo Mourão (2011), não há um conceito definidor de literatura surda. As produções literárias do povo surdo representam suas vivências e experiências; não são produções exclusivas para público surdo, de forma que os ouvintes também podem acessá-las. Nessa esteira, Karnopp (2006), afirma que a literatura surda se caracteriza por apresentar uma perspectiva positiva do povo/comunidade surda, reforçando as diferenças e não o que lhe falta.

As produções de literatura surda, em nosso país, são um fenômeno recente e apresentam-se em seus diversos gêneros (poesia, autobiografia, contos, humor – quadrinhos e charges). Especialmente na região amazônica, encontramos diversas produções literárias do povo surdo, principalmente em prosa, apresentando elementos regionais próprios, que constituem o *ethos* formativo da comunidade surda dessa região. Com isso, partimos da

premissa que a literatura surda produzida na região amazônica apresenta características e evidencia elementos descolonizadores de práticas preconceituosas e valores ouvintistas.

No Brasil, as primeiras publicações literárias dos surdos ocorreram na década de 1990 com as produções do poeta surdo Nelson Pimenta. Essas produções coincidem com os primeiros estudos de descrição da gramática da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), de Ronice Müller Quadros, Lodenir Becker Karnopp e Lucinda Ferreira Brito.

No século XXI, com o reconhecimento da LIBRAS como forma de comunicação e expressão do povo surdo, as produções culturais desse povo são fortalecidas nas suas diversas áreas e gêneros, dentre elas a literatura, conquistando maior legitimidade e proporcionando o empoderamento e a visibilidade do valores linguístico-culturais dos surdos.

Para Karnopp (2006) e Mourão (2011), a literatura surda é uma forma de representar as vivências e experiências do povo surdo, apresentando uma perspectiva positiva não do que lhes falta, mas sim novas formas de ser surdo. Logo, essas produções não se limitam à função estética, mas possibilitam um espaço político de posicionamento linguístico e fortalecimento dos valores culturais do povo surdo. É importante salientar que compreendemos povo surdo e comunidade surda em consonância com os argumentos de Strobel (2013), para quem povo surdo é o grupo de pessoas que possui uma língua e condição audiológica em comum e comunidade surda é a congregação de pessoas, lutando em prol de objetivos comuns a favor do povo surdo e sua comunidade.

As primeiras produções literárias do povo surdo surgiram nos internatos educativos, no final do século XIX, na Europa. Segundo Morgado (2011), essas produções eram sinalizadas; portanto, tinham um caráter oral e eram passadas de geração para geração. Nessas produções, os dramas, vivências e experiências do povo surdo eram representadas nos seus mais diversos gêneros. Para Ladd (2013), a literatura surda produzida nessa época também tem um caráter político, porque, nesse mesmo período ocorreu a proibição do uso dos sinais, através do Congresso de Milão (1880), determinando o método oral como o mais apropriado para a educação dos surdos no mundo todo.

Nessa perspectiva, a literatura do povo surdo, que circulava nesse período, pode ser caracterizada como produções de resistência, contribuindo no processo de manutenção e fortalecimento das línguas de sinais. Para Morgado (2011, p. 157), “o facto da Língua de Sinais ter sido proibida fez com que os surdos sentissem maior necessidade de sua língua. Por isso, as histórias contadas às escondidas foram ficando cada vez mais fortes e estruturadas”.

Conforme Ladd (2013), a experiência de negação da língua de sinais (e sua proibição, com o Congresso de Milão) aproxima a experiência do povo surdo às experiências de outros povos colonizados. Segundo esse autor,

O modelo linguístico-cultural conduz então para a colocação das experiências da comunidade surda na rubrica do colonialismo. Embora a maioria das pessoas conceba o colonialismo como estabelecendo-se em torno do poder econômico imposto em culturas menos capazes de se defenderem a elas próprias, há que argumentar inegavelmente a favor do conceito de colonialismo linguístico e é este que possibilita o início de uma ponte entre os discursos de comunidades gestuantes e outras comunidades colonizadas (LADD, 2013, p. 18).

Esse contexto aproxima a literatura surda da abordagem dos estudos pós-coloniais. Conforme Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1991), a literatura pós-colonial se caracteriza pela retomada da identidade e do empoderamento dos valores culturais solapados pelo processo de colonização. A cultura é uma das estratégias desse processo, em que se inferioriza o outro e tudo o que o diferencia: língua, valores, forma de pensar e criar, costumes etc.

Em meio a esse contexto histórico-cultural, a literatura surda foi se desenvolvendo, resistindo e sendo passada de geração para geração na comunidade surda. Strobel (2013) afirma que a literatura surda é um dos artefatos culturais do povo surdo. Essa noção se relaciona à Karnopp (2006) e Mourão (2011), pontuando que a literatura surda são as representações das vivências e experiências do povo surdo e nelas podemos perceber não o que lhes falta, mas o que, em termos culturais, os diferencia dos ouvintes.

LITERATURA SURDA NA/DA AMAZÔNIA: UM ETHOS MARCADO PELAS EXPERIÊNCIAS VISUAIS

A Amazônia é marcada pela diferença cultural: indígenas, caboclos, negros, seringueiros, europeus, surdos... Povos que somam olhares, saberes e culturas. Entretanto, essa diversidade é marcada pela colonização, que desconsiderou as especificidades, reprimiu culturas, aniquilou valores, escravizou e, estrategicamente, silenciou as “vozes” amazônicas (Loureiro (2002).

A literatura amazônica pode ser uma ferramenta para descolonizar a embrutecedora prática do sistema colonialista, tanto para os povos ouvintes, como para o povo surdo que está inserido nesses diversos povos, marcado pela dupla colonização: surdo-negro, surdo-

indígena, surdo-caboclo, etc. Conforme Bonnici (2009), a literatura é uma estratégia de resistência, subvertendo as práticas opressoras.

Nessa perspectiva, chamamos atenção não para o regionalismo, mas para a diferença cultural que essa região apresenta, reverberada em suas produções literárias. Segundo Loureiro (2002), alguns elementos constituidores da cultura amazônica são representados na literatura, a exemplo do rio e suas margens: “a margem do rio, entre o rio e a floresta, é o lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia transfigurados em enigmas do mundo. Oferece interrogações sobre origens e destinos. É que o rio deságua no imaginário[...]”. O rio indica o ritmo da vida, traz e conduz o barco, abriga a vida, os mistérios, as perguntas e as respostas. O cósmico é o espaço para o *ethos* dos povos residentes nessa região.

Concordamos com Loureiro (2002) quando afirma que a Amazônia é marcada pelo estético e esse elemento se apresenta como integrante nas produções culturais. Nesse sentido, o olhar é o experimentador da poética cósmica que envolve os habitantes. De acordo com o autor,

Entre o rio e a floresta é preciso saber ver para efetivamente ver. Um olhar sustentado pela pertença à emoção da terra, com sensibilidade disponível ao raro, com a alma posta no olhar. A transfiguração do olhar acontece no momento em que se percebe a diversidade verde do verde; o corpo de baile das açaizeiras; a volúpia dos pássaros revoando; a vaga ela perdida no olhar do canoeiro; a moça na janela como solitária imagem de uma espera; a igarité balançando nas ondas entre as estrelas; a dupla realidade da beira do rio refletida nas águas [...] (LOUREIRO, 2002, p. 166-167).

A visualidade presente no olhar é outro elemento que situa o sujeito como parte da floresta e não um contemplador passivo. O sentido da visão transforma, pergunta, responde, faz adentrar, inclusive, no espaço sobrenatural, encantado e simbólico da floresta.

Para o povo surdo, a visão é o sentido que forma seu *ethos*. Por meio do olhar, o surdo recebe informação, saberes e organiza seu próprio universo. Para o povo em geral, incluindo o povo surdo da Amazônia, o olhar possui um duplo significado: o estético e o ético, inserindo-o como contemplador e ator, marcado pela dupla diferença: ser surdo e ser sujeito amazônico.

ASPECTOS DESCOLONIZADORES NA LITERATURA SURDA DA/NA AMAZÔNIA

Os estudos pós-coloniais têm como um dos precursores Edward Said (2007), com a obra *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, em que o autor questiona a imposição de discursos e valores culturais, desconsiderando o outro, inferiorizando o diferente. O termo pós-colonial significa que o processo de colonização não terminou, perdura em atitudes e práticas, de forma que o “pós” é compreendido como “contra”, “anti”, resistindo às práticas e posturas colonizadores (NENEVÉ; SAMPAIO, 2016).

O povo surdo foi (e, muitas vezes ainda é) inferiorizado em sua diferença, oprimido e obrigado, por séculos, a aprender uma língua oral, educado nos padrões ouvintes, deixando de ser respeitado em sua diferença linguística. Sobre isso, Strobel (2013) afirma que os surdos têm por base de formação as experiências visuais, pois, para eles, o saber acontece pelas informações visuais e não auditivas, porque sua língua natural é a língua de sinais.

Além desse cenário, a comunidade surda e o povo surdo residente na região amazônica se encontram em um espaço marcado por diferenças em relação a outras regiões do país. Conforme Loureiro (2002), a cultura amazônica está ligada à floresta, ao estético, à festa, aos animais e a outros elementos que lhe são próprios, constituindo e diferenciando o *ethos* de formação e a representação literária do povo amazônico.

Nesse contexto, considerando a abordagem crítica dos estudos pós-coloniais e a literatura amazônica, buscamos identificar aspectos colonizadores/descolonizadores e marcações da literatura amazônica em duas produções presentes na obra *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, organizada por Taísa Aparecida Carvalho Sales (2016). A primeira narrativa, objeto de nossa investigação, *Lenda da Vitória-Régia* (RODRIGUES, 2016), trata-se de uma tradução culturalmente adaptada e a segunda, *Kauane, uma guerreira surda* (CERQUEIRA, 2016) é uma narrativa original. Nessas narrativas, percebemos as experiências visuais como artefato cultural em destaque. A floresta é o espaço em que as narrativas se desenrolam.

Vejamos uma síntese da tradução adaptada *Lenda da Vitória-Régia*: Naara, por nascer surda, foi abandonada pelos pais e criada pelo pajé que, ao longo dos anos, aprendeu a se comunicar com ela. Linda, não conseguia um esposo, em razão da surdez, e vivia isolada no grupo, com medo de perseguições. Em sonho, Naara conheceu Jaci, que se comunicou com ela em língua de sinais; porém, Naara nunca mais o reencontrou. A falta de Jaci fez com que Naara mergulhasse no rio Negro para encontrá-lo. Então, compadecido, Jaci a transformou na estrela d'água, conhecida como Vitória-Régia. Nas palavras da autora,

Nunca antes, aquela terra tinha visto tamanha beleza. Guerreiros vinham de todas as tribos para contemplar a beleza da jovem índia, que tinha um espírito forte, chamava-se Naara. Aquela que tem um espírito vivaz. Apesar de atrair guerreiros de outras tribos, nenhum a tomou como esposa, pois não aceitavam o fato da bela índia ser surda (RODRIGUES, 2016, p. 111).

Nesse primeiro momento da adaptação, encontramos uma das características da literatura pós-colonial: evidenciar as relações de poder entre culturas. O nome Naara, escolhido para a indígena, significa resistência, chamando a atenção do leitor para suas diferenças. Aparentemente Naara é desejada; no entanto, quando percebem sua diferença, a jovem é excluída e passa a não ter a oportunidade de vivenciar os rituais de seu povo.

Em relação às características da literatura pós-colonial, Nenevé e Sampaio (2016) afirmam que o termo “pós”, nos estudos literários, não está vinculado à história, mas a atitude diante do opressor. Então, podemos considerar que a literatura surda, na sua forma de adaptação cultural e também em suas criações originais, possibilita resistir e denunciar posturas excludentes, que isolam os surdos e não lhes permitem vivenciar experiências de uma vida social no grupo ao que pertencem; por isso, consideramos que essas narrativas se caracterizam como descolonizadoras.

Na segunda narrativa, *Kauane: uma guerreira surda* (CERQUEIRA, 2016), também observamos uma mulher linda e guerreira, que, assim como Naara, enfrenta o preconceito e a exclusão de seu povo. Kauane era excluída da oportunidade de ser uma guerreira, em razão de sua surdez. Ela não sabia LIBRAS. Um dia, foi vista sendo treinada, às escondidas, por Acauã, um guerreiro surdo residente em uma aldeia com outros indígenas surdos. Acauã ensinou LIBRAS para Kauane e ela passa a ensinar a língua de sinais para o povo. Assim narra a autora:

Num lugar distante da floresta Amazônica, existia uma tribo de mulheres guerreiras que não tinham maridos e nem permitiam que homens se aproximassem do lugar. Lá havia uma linda jovem surda, chamada Kauane. Ela queria muito ser uma guerreira e sonhava ser igual as outras mulheres de sua tribo, pois eram fortes e valentes. Sempre que podia ficava observando o treinamento delas, pensava como seria participar e treinar também, imaginava-se uma guerreira. Queria muito fazer os treinamentos, mas nunca teve a oportunidade para tentar, pois era sempre excluída (CERQUEIRA, 2016, p. 242).

Outro aspecto descolonizador das narrativas é a evidência das relações de poder presentes entre indígenas surdos e indígenas ouvintes na aldeia. O ouvinte exerce um

papel opressor, perseguidor, de modo que Naara somente saía à noite, às escondidas, para deslumbrar a beleza da lua e do rio e Kauane treinava sozinha. Segundo Said (2007), a postura colonizadora diante de outra cultura implica um processo de inferiorização de valores, língua e costumes de uma cultura sobre a outra, em que o medo é uma das muitas estratégias de dominação. Essa postura colonizadora pode ser observada nos excertos abaixo, evidenciando atitudes excludentes por parte de alguns ouvintes pertencentes aos povos de Naara e Kauane:

Por medo de perseguições, a índia deixava para fazer seus passeios sempre durante a noite. Suas noites favoritas eram sempre as de lua cheia quando se deslumbrava com a beleza da lua. Certa vez, o pajé percebeu que Naara estava diferente, mais quieta. Somente quando a noite caía, ela animava-se para ir passear na beira do rio. Então, em uma dessas noites, o pajé a seguiu até a beira do rio. Chegando lá, viu que Naara estava extasiada olhando para a lua (RODRIGUES, 2016, p. 112).

Toda vez que Kauane se aproximava, faziam gestos proibindo a participação da menina surda. Kauane não entendia o porquê de tantas proibições, ficava muito triste, sentia-se rejeitada, sozinha, sempre foi assim, desde os tempos de criança. nos momentos de brincadeiras acabava ficando de fora. Era sempre “não pode” para tudo, parecia que todas só sabiam fazer esse gesto de “não pode” (CERQUEIRA, 2016, p. 242).

O isolamento da protagonista surda é outro aspecto descolonizador da narrativa; ao se afastar, Naara está reconhecendo sua diferença em ser surda e, ao mesmo tempo, seu isolamento é também uma forma de resistência, pois, ao isolar-se, a protagonista autoafirma sua diferença. Segundo Harlow (2009), a literatura pós-colonial subverte os interesses dominantes e opressores, evidenciando a diferença. Ao isolar-se, Naara não aceita se enquadrar em valores ouvintistas de seu povo. Observemos o seguinte trecho da narrativa:

Naara já não comia e vivia em meio a tristeza. Todos já a chamavam de sombra, pois ela só se movimentava na penumbra e no silêncio.

E por mais uma noite foi vagar pela beira do rio. Já cansada olhou para a água que refletia toda luminosidade e resplendor da lua. Naquele instante acreditou que Jaci viera buscá-la e jogou-se nas águas profundas acreditando ir ao encontro do ser amado.

Naara nunca mais foi vista. O pajé e todos os guerreiros a buscaram por

luas e luas, mas não adiantou. Jaci, que era um guerreiro vaidoso, sentiu falta da índia que vivia a contemplá-lo. Compadecido com a devoção da índia, resolveu transformá-la em uma estrela diferente. Seria a grande estrela das águas amazônicas: a vitória-régia. A vitória-régia abre-se durante a noite para receber os raios de luar e, assim, viver sua história de amor (RODRIGUES, 2016, p. 126-128).

Da mesma forma, Kauane também se isola para treinar sozinha, conforme podemos verificar no excerto abaixo:

[...] Porém, em momentos que ninguém estava por perto, Kauane gostava de pegar algumas armas de guerra e imaginar que estava lutando. Sentia-se muito feliz nesses momentos, podia “fazer de conta” que era uma grande guerreira combatendo os inimigos. Enquanto treinava sozinha, lembrava-se de como as guerreiras faziam e imitava. Certa vez, enquanto Kauane treinava sozinha [...] (CERQUEIRA, 2016, p. 246).

Nas narrativas, o reconhecimento da diferença se dá através do encontro amoroso. Jaci e Acauã, além de reconhecerem a beleza, percebem a especificidade linguística de Naara e Kauane, aceitando suas diferenças e se comunicando com elas em sinais. Naara foi reconhecida em sua diferença por Jaci e transformada em Vitória-Régia, já que, na busca por Jaci, mergulhou e desapareceu no rio; Kauane, por sua vez, foi conquistada por Acauã, um guerreiro também surdo, que lhe ensinou LIBRAS. Então, Kauane começou a ensinar a língua de sinais para as outras guerreiras ouvintes de seu povo, passando a ser aceita e respeitada por todos.

As duas narrativas apresentam evidências descolonizadoras, chamando a atenção do leitor para diferenças linguístico-culturais; apresentam o isolamento como estratégia de resistência de identidade; apresentam as relações de poder existentes entre surdos e ouvintes, evidenciando o medo e a limitação na participação das relações sociais, como uma representação denunciadora dos preconceitos e atitudes excludentes enfrentados pelos surdos.

Para Ngugi (1986), a cultura é um espaço de dominação, mas também de descolonização. Com isso, reforçamos que as narrativas em foco evidenciam os valores linguístico-culturais do povo surdo, suas diferenças; portanto, são uma alternativa para denunciar as relações de poder e as atitudes colonizadoras de ouvintes para com os surdos. Assim, consideramos que essas narrativas são descolonizadoras de práticas preconceituosas e ouvintistas, chamando a atenção do leitor para as diferenças do povo surdo.

MARCAÇÕES DA LITERATURA AMAZÔNICA NA LITERATURA SURDA

Durante a pesquisa, um dos questionamentos que nos propusemos, após aprofundamento de textos da literatura amazônica, foi: quais as características da literatura amazônica? A fim de responder essa questão, apoiamos-nos nos argumentos de Loureiro (2002; 2015), que se concentram na cultura amazônica como elemento constituidor do *ethos* estético/poético de seu povo na literatura.

O ambiente amazônico é marcado por narrativas com a presença de encantarias, parte dessa cultura, e apresentado como cósmico, marcado pela floresta e pela comunhão do sujeito com a natureza. É um espaço onde encontramos diversidade de cores, odores, sons e sabores, um ambiente que se destaca por ser naturalmente estético. Na percepção de Loureiro (2002),

Rica plasticamente e inocentemente mágica, a natureza Amazônia apresenta-se como pertencendo a uma idade mítica, plena de liberdade e de energia telúrica. Ela se situa em um tempo cósmico durante o qual tudo brota como nas primeiras fontes da criação: a floresta, os rios, os pássaros, os peixes, os animais, o homem, o mito, os deuses. É neste contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, facilitando assim a epifania. Sob o sfumato do devaneio, fecundado pela contemplação do rio e da floresta, contemplando o horizonte das águas que lhe parece a linha que demarca o eterno, o homem amazônico foi dominando a natureza, ao mesmo tempo em que foi sendo dominado como forma de motivação e imaginário. Graças a esta qualidade, a produção artística, os rituais, o visual, a mitologia guardada qualidades expressivas originárias e significativas, que compõem sua estrutura de conteúdos e de expressão, capazes de dialogar com reputadas correntes de pensamento e de concepção estética (LOUREIRO, 2002, p. 129).

Sabemos que a Amazônia é “inventada” (GONDIN, 2019) em muitos aspectos; um deles é o ambiente onírico, fantasioso, espécie de jardim encantado, que atravessa os oceanos, carregado pelos relatos de viagem dos primeiros exploradores.

A dialética do universo amazônico - na vivência do sujeito em comunhão com a natureza - é narrada pelo colonizador de modo a inferiorizar esse espaço. Com isso, o estético e a visualidade que a Amazônia revela são estrategicamente utilizados, retratando-a como um ambiente a ser explorado, dominado. Compreendida como primitiva e mágica, a Amazônia é narrada como oposta à civilização e ao desenvolvimento, justificando-se todo o processo de silenciamento de seu povo, a inferiorização de sua cultura e a exploração de suas riquezas. Para Loureiro (2002, p. 133),

A Amazônia tem sua visualidade marcada por grandes linhas de força como a natureza, as tribos indígenas e sua cultura, as manifestações da arte popular, a arte plumária, a cerâmica, as embarcações, as casas, os rios, as ruas. Uma visualidade agônica, temário de elegias, atravessando um permanente processo de descaracterização, pela entrada do visual imposto pela cultura de massa [...].

Tomando por base as palavras de Loureiro (2002), consideramos que as marcações da cultura amazônica presentes na literatura surda constituem uma forma de resgatar a identidade específica presente nos sujeitos surdos dessa região, marcada pela visualidade, pela floresta e pelo rio, elementos também presentes nas narrativas da comunidade surda amazônica. O autor ainda reforça que:

Toda paisagem é um produto da cultura e uma das condições nessa totalidade com que esta envolve o homem. Diante dos olhos, guardada na memória afetiva, idealizada pela saudade, a paisagem é a conversão da natureza em sentimento. É uma perspectiva, um modo de ver, a escolha do objeto, o mundo habitado pela sensibilidade em sua aparência humanizada [...] (LOUREIRO, 2002, p. 141).

Na literatura surda amazônica, a cultura está incorporada e se manifesta na visualidade presente nas narrativas. Os elementos estéticos que compõem o ambiente amazônico apresentam a essência daquilo que habita os sentidos e significados dos sujeitos surdos amazônidas.

A contemplação é um elemento que se destaca nas duas narrativas: olhar a natureza na busca de encontrar respostas para si mesmo. As personagens surdas/indígenas protagonistas, Naara e Kauane, vivem em aldeias em meio à floresta; transitam nesse espaço, contemplando a beleza da lua, do rio e da natureza em geral. A floresta e o rio são parte de seu cotidiano.

Conforme Loureiro (2002), a natureza exerce uma práxis informativa e também poética, pois ela é espaço de comunicação e reveladora de sinais que são perceptíveis através do olhar, do exercício contemplativo. De acordo com esse autor,

O rio é outro elemento presente nas duas narrativas e para o sujeito amazônico ele [...] é fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um ethos e um ritmo à vida regional. Dele depende a vida e a morte, a fertilidade e a carência a formação e a destruição das terras, a inundação e a seca, a circulação humana de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio é tudo [...] (LOUREIRO, 2015, p. 137).

Na cultura amazônica, o rio é a estrada, local de saída e chegada, silêncio e som, vida e morte, ou seja, é o espaço dialético da vida, já que é morada de muitas entidades, guardando o mágico e o simbólico, e também oferece sustento e trânsito para os diferentes povos e comunidades.

Nas narrativas em análise, o rio é local do encontro, representando, ainda, o abrigo do elemento mágico e mítico. O rio, além de ser um elemento cultural presente nas narrativas da literatura surda amazônica, também se destaca, conforme Loureiro (2015), como um elemento estético/poético, que constitui a construção estético-literária do povo amazônico.

Outro elemento de destaque é a floresta, que se configura como um *locus* de contemplação e imaginação. Ela é refúgio da solidão, impregna a alma e apresenta o ambiente principal que estrutura o enredo; por isso, segundo Loureiro (2015), ela é também um elemento estetizante na literatura amazônica.

Nas duas narrativas, as personagens protagonistas são apresentadas como indígenas que vivem no meio da floresta. Nesse espaço, as personagens se constroem e significam sua diferença. A floresta é o ambiente ético-estético, onde o ouvinte, enquanto personagem antagonista, é convocado, enquanto leitor, a olhar para as diferenças linguísticas dos surdos, seus dramas e vivências. Além disso, lança um apelo para que os surdos se fortaleçam e se empoderem de suas diferenças linguístico-culturais.

Em ambas as narrativas, a natureza é marcada pelos elementos: rio, floresta e contemplação. A atitude contemplativa, representada nas atitudes das personagens Naara e Kauane, confirma o caráter cultural amazônico na literatura surda produzida pela comunidade surda amazônica.

As narrativas analisadas demonstram que a literatura surda da/na região amazônica apresenta sensibilidade diante da paisagem, cuja força e emotividade se mesclam com o estético e a formação do *ethos* desse povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura surda da/na Amazônia pode ser dividida, segundo os pressupostos de Sutton-Spence (2021), como literatura surda e literatura sinalizada. A literatura surda compreende toda produção da comunidade surda, escrita e sinalizada, que tem como principal (contudo, não único) objetivo o povo surdo; a literatura sinalizada se caracteriza nas produções literárias em língua de sinais. Embora não seja nosso escopo de análise, é possível identificar nas narrativas analisadas elementos que demandam uma literatura

emergente, concedendo uma sustentação também estética, além de seu caráter político-engajado.

A abordagem crítica dos estudos pós-coloniais possibilitou a identificação de três elementos descolonizadores comuns às duas produções: a) as manifestações das relações de poder entre a cultura surda e a ouvinte; b) o isolamento das protagonistas como resistência à opressão linguística dos ouvintes em relação aos surdos; c) a afirmação das diferenças culturais, evidenciando o preconceito enfrentado pelos surdos, bem como o empoderamento em sua diferença linguística. Nesse sentido, também observamos que a língua é um elemento cultural que coloniza e também descoloniza (NGUGI, 1986), chamando o leitor a observar as diferenças e as relações de poder existentes entre surdos e ouvintes.

A literatura surda produzida na região amazônica também é marcada pelas características da literatura amazônica. A partir dos pressupostos de Loureiro (2002; 2015), identificamos três elementos constituídos como marcas estético-culturais da literatura dessa região: a contemplação, o rio e a floresta.

Na literatura surda amazônica, o sujeito surdo é representado como aquele que também contempla o estético da floresta, tanto quanto o ouvinte. Essa contemplação é parte do cotidiano desse sujeito, que se apresenta integrado à natureza. Dessa forma, o estético constitui também o *ethos* do povo amazônico. A floresta e o rio são espaços dialéticos, que constroem o sujeito e suas relações. Enquanto indígena e surdo, o sujeito está adaptado ao ambiente da floresta, possuindo uma atenção visual mais aguçada que os ouvintes e também uma maior sensibilidade nos sentidos do tato e do olfato. Nesse sentido, asseveramos que a surdez das personagens analisadas não as situa em condição maior de risco na floresta; pelo contrário, sua diferença permite perceber o estético e a visualidade presente em seu ambiente com maior acuidade, apoderando-se de seus valores linguístico-culturais enquanto sujeito surdo-indígena.

A atitude contemplativa, marca da visualidade na literatura amazônica, pode ser identificada nas personagens surdas; essa atitude está relacionada a um importante artefato cultural do povo surdo, pontuado por Strobel (2013): as experiências visuais. Cabe-nos destacar que o povo surdo tem como base de sua formação as experiências visuais, já que a língua de sinais é uma língua de modalidade visuoespacial, valorizando o olhar como principal canal para o processo de desenvolvimento dos sentidos e significados.

Muito além de uma Amazônia inventada pelos colonizadores, como espaço mágico e de riquezas inexploradas, a literatura surda amazônica - assim como a literatura amazônica, em geral - apresenta um espaço amazônico em que o cósmico comunica e

apela às diferenças, oferecendo uma oportunidade de conversão descolonizadora do olhar em relação ao espaço amazônico e seus sujeitos.

Por fim, entendemos que a literatura surda da/na Amazônia possui a floresta e o rio como espaço literário incorporado pelos sujeitos surdos, proporcionando a troca de valores culturais entre surdos e ouvintes. Esses elementos são parte do *ethos* cotidiano do sujeito amazônico. Assim, consideramos que essas produções podem, em seu contradiscurso, descolonizar a atitude preconceituosa e excludente em relação ao surdo e à representação da Amazônia como um lugar selvagem e primitivo, localizando-a como um espaço de visualidades estéticas e comunhão das diferenças, onde o ético e o estético se encontram.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-culturais**. Maringá: EDUEM, 2009.

CERQUEIRA, Lilian Araújo. Kauane: uma guerreira surda. In: SALES, Taísa Aparecida Carvalho (Org). **Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas**. Ilustrações de Edilson Morais da Silva. Manaus: Damir Pacheco Souza, 2016, p. 241-262.

COSTA, Nara Neiva Araújo. O amor faz nascer um povo: a lenda da família baré surda. In: SALES, Taísa Aparecida Carvalho (Org). **Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas**. Ilustrações de Edilson Morais da Silva. Manaus: Damir Pacheco Souza, 2016

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2019.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/795/810>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LADD, Paddy. **Em busca da surdidade I – colonização dos surdos**. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd'Universo, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**. 5ª ed. Manaus: Valer, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos de estética**. 3ª ed. Belém, PA: EDUFA, 2002.

MORGADO, Marta. Literatura em Língua Gestual. In: KARNOPP, Lodenir;

KLEIN, Madalena; LAZZARIN, Márcia Lise Lunardi (Orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011, p. 151-171.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais dos surdos em Língua de Sinais. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LAZZARIN, Márcia Lise Lunardi (Orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011, p. 71-90.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Pós-colonialismos promovendo diálogos. In: WENSING, Carlos Roberto; PISSINATTI, Larissa Gotti; FERREIRA, Uryelton de Souza (Orgs.). **Pós-colonialismo**: uma leitura política dos textos literários. São Carlos SP, 2016, p. 11-23.

NGUGI, Wa Thiong. **Decolonizing the mind**: the politics of language. London: James Curriey, 1986.

RODRIGUES, Suelen Maquiné. Lenda da Vitória-Régia. In: SALES, Taísa Aparecida Carvalho (org). **Onze histórias e um segredo**: desvendando as lendas amazônicas. Ilustrações de Edilson Morais da Silva. Manaus: Damir Pacheco Souza, 2016, p. 111-134.

SAID, Edward. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. Trad. Rosaura Einchemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALES, Taísa Aparecida Carvalho (Org.). **Onze histórias e um segredo**: desvendando as lendas amazônicas. II. Edilson Morais da Silva. Manaus: Damir Pacheco Souza, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

SUTTON-SPENCE, Raquel. **Literatura em LIBRAS**. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

Recebido em: 07 mar. 2022.

Aceito em: 22 abr. 2022.